

O Carnaval de Loulé

Consta-nos que está marcada uma reunião para estudar as possibilidades da realização dos festejos de 1967.

Oxalá resulte frutuosa.

(Avença)

O Voz de Loulé

ANO XV N.º 360
DEZEMBRO — 6
1966

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua José Maria da Piedade Barros

EDITOR E PROPRIETARIO

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

EM DIA DE ANIVERSÁRIO

Com o presente número completa «A Voz de Loulé» 14 anos de existência. E porque é hábito na imprensa assinalar cada aniversário que passa, não podíamos deixar de redigir algumas palavras de regozijo e ao mesmo tempo de amargura.

De regozijo, por termos conseguido manter o nosso jornal durante estes 14 anos de vida. E de amargura por termos conseguido realizar tão pouco em tão largo período de tempo.

Bem gostaríamos de ter feito mais e melhor, mas para tal não chegaram nem a nossa competência, nem as disponibilidades de tempo de quem faz um jornal por um dever indeclinável de servir a terra onde nascemos e por cujo progresso desejámos lutar.

Missão ingrata, espinhosa e difícil e eriçada de espinhos que nos colocam no caminho para que escorreguemos. Mas mesmo assim temos conseguido manter uma linha de rumo que é o nosso ideal: lutar sem desfalecimento pelo progresso de Loulé e bem-estar de toda a população do seu concelho.

E fazendo-o pensamos também naqueles louletanos que em terras estranhas e na nossa África

Campanha Pró-Residência Paroquial

Transporte 39.770\$00
Anônimo, 20\$00; José dos Cabeços, 10\$00; Libânia, 2\$00; António Semião, 10\$00; Filipe Pencarinh, 20\$00; Anônimo, 20\$00; Anônimo, 5\$00; Vitória Sousa Cristina, 10\$00; Maria Mestre, 5\$00; Marcos Marum Periquito, 10\$00; Anônimo, 3\$00; Etelevina Mateus, 5\$00; Noémia Rosal, 7\$00; Ilídio Rosa, 2\$50; José Lúcio, 1\$00; Idalina Estrelo, 2\$50; Joaquim Simão, 2\$50; Lídia Caldeira, 1\$00; Apolinária Sousa Cristina, 12\$50; Joaquim Portela, 5\$00; Eduardo Bonifácio, 5\$00; Beatriz Guerreiro, 20\$00; Antónia Farias, 20\$00; Silvina de Brito, 20\$00; Manuel Machadinho, 5\$00; Pires Machadinho, 5\$00; Vitalina Machadinho, 5\$00; Otilia dos Santos, 5\$00; Ivone Calado, 5\$00; Alberto, 5\$00; Francisca Alagoa Portela, 5\$00; Rosalina Martins, 5\$00; Maria do Carmo Luz, 25\$00; José Figueiredo Portela, 10\$00; José Bernardo, 2\$50; Rui Manuel, 2\$50; Rosalina Coelho Mendes, 5\$00; Manuel Pires Coelho, 20\$00; Maria Mariano, 20\$00; Maria da Conceição do Carmo, 2\$50; Maria Lurdes Guerreiro, 2\$50; Ana da Conceição, 7\$50; Noémia Correia, 10\$00; José Caetano Gonçalves, 20\$00; Augusto Aleixo, 120\$00; Adelina Virote, 5\$00; Manuel Portela, 5\$00; Vitória de Sousa Laginha, 20\$00; Joaquim Pedro da Cruz, 10\$00; Eufrásia Pencarinh, 10\$00; Francisca da Mana, 125\$00; Joaquim Pedro (Franqueado)

(Continuação na 2.ª página)

Panorâmicas... de Loulé

Muitas das pessoas que leem estes escritos não sabem o trabalho que o autor tem em arranjar, por vezes, assunto que entretinha, sem ser um mero amontoado de palavras ou reportagem de almoços e jantares, ou recordações de sucessos passados.

Por mais que se estude e recolham elementos por aqui e por ali, ao fim do dia, o panorama de Loulé, é, raras exceções, sempre o mesmo, sem sensíveis mutações.

Falar da alta dos preços, da escassez do bacalhau, do que se passa com fulano, do que diz de sicrano, cultivar as desavenças dos que pertencem ao grupo A ou ao grupo B, queixarem-se de que a obra do sr. X não anda porque a Câmara não aprova o projecto, e pouco mais.

Não se vislumbra o mais insignificante pormenor de grandes problemas, dos que interessam em fundo e em cheio ao progresso do nosso concelho, dos que representam passo agigantado na promoção do bem estar e crescimento da riqueza do produto nacional, nada.

E quando alguma vez adrega de se dizer que «não má língua» na conversa, perguntam-se como a ar mais seráfica do mundo: «Má língua?». Não, nós não somos de má língua...

*
Ora problemas que interessam vitalmente ao concelho são:
— O abastecimento de água a Alte, Salir e Boliiqueime.
— A abertura da auto-estrada Salir-Almôdovar.

(Continuação na 3.ª página)

de Agentes de Viagens Espanhóis, Holandeses, Belgas e Suíços os quais, acompanhados por representantes da TAP em Madrid, Amsterdão, Bruxelas e Genebra e do sr. Luciano Seromenho, Promotor de Vendas da TAP em Faro, percorreram todo o Algarve em visita aos principais estabelecimentos hoteleiros e zonas turísticas do litoral.

Estes 4 grupos somavam um total de cerca de 60 Agentes que, de regresso aos seus países, irão certamente contribuir para o crescimento dos fluxos de turismo para o Sul do País.

Esteve também recentemente no Algarve um grupo constituído por 18 Directores de Companhias de Aviação estabelecidas na Suíça, que por iniciativa do Delegado da TAP em Genebra se deslocou a Faro, Lagos e Portimão onde realizou a sua habitual reunião mensal.

Este grupo designado por FABOS, forma uma associação que serve os interesses das Companhias de Aviação perante as autoridades aeronáuticas da Suíça, reunindo-se todos os meses para apreciar e discutir problemas de natureza oficial.

E pois de realçar a escolha do

Acaba de ser nomeado Juiz da Comarca de Loulé, o sr. Dr. João Pedro Gomes Lopes da Cunha, magistrado distinto que exerce idênticas funções em Odemira e onde foram devidamente apreciadas as suas qualidades.

Apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos de boas vindas ao sr. Dr. João Pedro da Cunha e auguramos-lhe um feliz desempenho da sua espinhosa missão.

Algarve para a realização da sua reunião de Novembro, ficando-se a dever à TAP mais esta iniciativa de divulgação das belezas turísticas da Província.

O ALGARVE E O TURISMO NACIONAL

A atracção do turista pelo Algarve exibe-se num surto de empreendimentos e realizações que tornam o fenómeno tão flagrante, irreversível e prometedor que tem de ser encarado dentro de um panorama à escala nacional.

A validade económica deste pressuposto não pode deixar de interessar as entidades responsáveis, na medida em que representam um predomínio nos factos que podem contribuir para uma maior riqueza do País, para uma reforma e reorganização que se

avizinha e não pode ser encarada sob a unilateralidade com que se impôs.

Quando pensamos que ainda não há um plano condutor, que ainda se não preparou uma concepção de reforma dos elementos que possam dar vitalidade a esta fonte de vida nacional da qual não será só o Algarve a colher os louros e as vantagens, confrangemo-nos com a indiferença com que o fenómeno tem sido encarado.

(Continuação na 2.ª página)

UMA DATA E UM ANIVERSÁRIO

Para se sentir o acordar da Nação e o vibrar dos clarins em 1640 é preciso que recuemos 60 anos na História e nos situemos naquele período que antecedeu 1580.

Debalde D. João II e o seu sucessor, D. Manuel, se esforçaram por aparelhar esquadras, prové-las de material e soldados, em demanda de mundos desconhecidos, por quanto, três gerações de corridas, todos os esforços estavam virados do avesso. Caiam os em decadência!

A febre dos descobrimentos levou-nos o melhor da raça na gente válida para o trabalho. Se soldado na Índia, ou embarcadiço a bordo dum nau tornaram-se profissões apetecidas e tão

rendosas que a gente do campo e das aldeias não hesitou em trocar as terras que possuía pelo uso da farda ou pelo lucro do comércio. A cobiça da riqueza a breve trecho fez esquecer o sentimento cívico de Pátria, pois a riqueza, além de poderio, conferia título de nobreza e fidalguia, e que nem sempre se obtinha combatendo de armas na mão, ou esborrando a terra. Ser rico ou ser fidalgo constituiram focos de atracção que passaram a dominar a gente portuguesa. Havia fidalgos de toda a ordem. Diz um cronista inglês, referindo-se à época, que determinado governador da Índia dava pela existência de certo fidalgo na colónia — conde ou marquês — em decadência!

As feiras dos descobrimentos levaram-nos o melhor da raça na gente válida para o trabalho. Se soldado na Índia, ou embarcadiço a bordo dum nau tornaram-se profissões apetecidas e tão

jo título não figurava no rol nobiliárquico. Em dada ocasião, o intitulado fidalgo fora-lhe apresentado, com a recomendação de ser pessoa bastante rica, pois era casado com a herdeira de uma das principais fortunas do protectorado português. Ficou o Governador intrigado pela semelhança do fidalgo em questão com um mogo de cavalarista que servia em casa de seu pai. Postas as coisas em pratos limpos e apuradas as linhagens, veio a saber-se que um e outro eram uma e a mesma pessoa. J. D. João III dizia, quando o aconselhavam a mandar acatar as regras da praga da Ribeira Nova, por motivo de desbragamento de linguagem, que tal coisa não podia fazer, dado que, com esse procedimento, iria ofender o sentimento filial de muitos capitães e governadores de colónia,

(Continuação na 3.ª página)

RECORDANDO...

Nos Bastidores da Imprensa

Foi há dias inaugurado, por S. Ex.º o Chefe do Estado, o troço da estrada do Alto Algarve, ligando S. Bartolomeu de Messias a S. Marcos da Serra.

Chamamos-lhe estrada do Alto Algarve em obediência ao título que lhe demos há cerca de quarenta anos, quando, no «Progresso Algarvio», que então se publicava em Lagoa, enfrentámos a sua possível construção, sob o título referido e numa série de artigos. A história, afinal, resumiu-se em pouco, e vamos tentar reconstruir-la:

Era então professor na vila

de Lagoa, quando foi procurado por João Simões, secretário da Câmara e pelo prof. José Francisco Cabrita, ambos naturais de Lagoa, que me propuseram a fundação dum semanário regional, com características próprias.

A princípio hesitei, como não podia deixar de ser, dado que o semanário não poderia contar com outra colaboração que não fosse a minha e a do prof. Cabrita, já de si sobreexigido pela publicação dos «Ecos do Além», mensário de natureza es-

(Continuação na 2.ª página)

Divulgação das belezas do ALGARVE

Dentro do seu plano de promoção de Turismo de Inverno no Algarve a TAP trouxe à nossa província recentemente 4 grupos

de Agentes de Viagens Espanhóis, Holandeses, Belgas e Suíços os quais, acompanhados por representantes da TAP em Madrid, Amsterdão, Bruxelas e Genebra e do sr. Luciano Seromenho, Promotor de Vendas da TAP em Faro, percorreram todo o Algarve em visita aos principais estabelecimentos hoteleiros e zonas turísticas do litoral.

Estes 4 grupos somavam um total de cerca de 60 Agentes que, de regresso aos seus países, irão certamente contribuir para o crescimento dos fluxos de turismo para o Sul do País.

Esteve também recentemente no Algarve um grupo constituído por 18 Directores de Companhias de Aviação estabelecidas na Suíça, que por iniciativa do Delegado da TAP em Genebra se deslocou a Faro, Lagos e Portimão onde realizou a sua habitual reunião mensal.

Este grupo designado por FABOS, forma uma associação que serve os interesses das Companhias de Aviação perante as autoridades aeronáuticas da Suíça, reunindo-se todos os meses para apreciar e discutir problemas de natureza oficial.

E pois de realçar a escolha do

FUTEBOL

O LOULETANO EM 4.º LUGAR! (5 desafios - uma única derrota)

O Campeonato Distrital da 1.ª Divisão atingiu agora a 5.ª jornada! E pode bem dizer-se que o entusiasmo domina a prova. A umas equipas melhor dotadas tecnicamente, outras se têm oposto pelo espírito generoso de combatividade dos seus elementos. Muito há ainda a esperar desta prova, pois os clubes lutam com o maior entusiasmo por se qualificarem nos primeiros postos e assim tomarem parte no Nacional da 3.ª Divisão, a que o Algarve fornecerá dois representantes. O Unidos Sambranense, um dos mais sérios candidatos ao título, comanda a classificação, contando por vitórias os jogos disputados. O Louletano tem sido (pode bem dizer-se) a revelação do Campeonato.

Com efeito em 5 jogos disputados

Dr. João Pedro Gomes da Cunha

Acaba de ser nomeado Juiz da Comarca de Loulé, o sr. Dr. João Pedro Gomes Lopes da Cunha, magistrado distinto que exerce idênticas funções em Odemira e onde foram devidamente apreciadas as suas qualidades.

Apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos de boas vindas ao sr. Dr. João Pedro da Cunha e auguramos-lhe um feliz desempenho da sua espinhosa missão.

Algarve para a realização da sua reunião de Novembro, ficando-se a dever à TAP mais esta iniciativa de divulgação das belezas turísticas da Província.

O CARNAVAL APROXIMA-SE

APATIA?

Faltam menos de 2 meses para o Carnaval e parece que ainda não está assegurada a realização em Loulé, das tradicionais Batalhas de Flores.

Isto só não é de espantar porque acontece anualmente, mas é doloroso para o nosso brio de louletanos porque faz avolumar o receio e prejudicial quebra dum continuidade necessária para o bom êxito dumas festas que têm dado fama a Loulé e substancial receita para o seu Hospital.

Apesar da escassez de tempo e da apatia com que parece estar a ser encarada a realização das nossas festas, temos fé em que Loulé há-de realizá-las.

Nelas se consubstanciam a vitalidade e as últimas partidas dum bairrismo que, teimoso

sa e persistentemente, os louletanos querem conservar a todo o custo.

Enquanto for possível mantê-lo, o Carnaval de Loulé será simbolicamente o último vestígio dum bairrismo que deu à nossa Vila a fama (e o proveito) dum progresso que a tornou bávara e notória.

Por isso é-nos doloroso pensar que também se há-de extinguir essa centelha dum vitalidade que dá ânimo a alguns louletanos para se usarem e trabalharem por uma causa que a todos enobrece e dignifica.

E pensarmos nós que o fazer-se ou não o Carnaval de Loulé pode depender da indomável energia de uma única pessoa que

(Continuação na 4.ª página)

NOTAS A ESMO...

Educação: — O hábito das boas maneiras, das atenciosas deferências, das delicadezas no trato vai-se desfazendo no dia a dia... pô! Não se vislumbra modificação apreciável, retorno válido, ao que marcou a época da boa educação. Presentemente o que existe é o insulto sozinho, a incorrecção persistente e selvajaria desmarcada, o riso alvar. Assim é que está bem? Pois que bem patentes.

Crítica: — A crítica construtiva apontando os erros possíveis ou supostos, com a indicação da melhor maneira de resolver os problemas, segundo o modo de ver do crítico, o qual aponta a solução em seu entender mais

Festas: — As festas pressupõem um estado de espírito libertado de preocupações, uma situação calma e feliz. Então apetece comparticipar nos divertimentos que se fazem para recreio das populações.

Mas quando a nação vive e sofre o peso de ataques injustos, quando muitos dos seus filhos caem em defesa do património herdado dos nossos maiores, realizar festas para distrair os que nos atacam, aqueles que nos desejam espoliar, toca as raízes da inconsciência ou da má intenção.

É tempo de enveredar por uma atitude digna e nobre, e não dar a impressão de inconsciência e insensatez. Quatro ou cinco anos de situação de sofrimentos inenarráveis são tempo mais do que suficiente para abrir os olhos às realidades.

Solimão Fagundes

Transportes de Carga Louletana, Limitada

Camions de Carga para todo o País

com sede em LOULE — Telefones 30 e 17

Tem o prazer de comunicar a todos os seus dedicados Clientes e Amigos que decidiu estender a sua rede de camionagem até à próspera cidade de PORTIMÃO, abrindo ali a sua 6.ª agência, que ficou instalada na

Rua Infante D. Henrique, 68

onde estará ao dispor de quantos desejem utilizar os seus serviços.

A VOZ DE LOULE

N.º 360 — 6-XII-1966

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

A NÚCIO

1.ª publicação

No dia 9 de Fevereiro, próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na execução de sentença movida por Manuel Guerreiro Coutreiras e OUTROS, moradores em Almancil, desta comarca, que corre pela segunda secção de processos do mesmo Tribunal, contra a executada Antónia Silvestre, sóteira, maior, doméstica, actualmente presa na Cadeia Central de Mulheres, em Tires — Cascals, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adianta se indica, o seguinte direito penhorado áquele executada:

DIREITO A ARREMATAR

O direito e accão a 1/4 parte da herança ilíquida e indivisa de Joaquim Guerreiro Coutreiras, morador que foi no sítio da Igreja — Almancil, desta comarca, falecido em 30/4/92, a qual se bens imóveis herança que cabia ao «de cuius» Francisco Guerreiro Coutreiras, 1/4 parte, com o valor matrícia correspondente de 1.830\$00, que é o valor por que vai à praça.

Loulé, 6 de Outubro de 1966

O Escrivão de Direito,
a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 1.º Substituto,
a) Jacinto Duarte

MOAGEM

Vendem-se todos os utensílios duma moagem de ramas, constando de um casal de mós francesas, 2 aparelhos de limpeza, tegões, nozes, etc. Sistema de transmissão por correias. Tudo em estado novo.

Vende-se barato.

Tratar com João Ramos
VALE JUDEU

VENDE-SE

Terreno para construção de uma casa, na Rua da Piedade.

Tratar com António Souza Simão — Gonçinha — Loulé.

PRÉDIOS

Vende-se 2 prédios no Barreiro, ambos para 8 inquilinos, recém-construídos, com rendas de 500 a 600\$00 por inquilino. Preço: 750 e 850 contos. Tratar com o próprio: Guilherme Costa — Estrada Nacional n.º 10 — n.º 4 - 1.º Esq. — Telefone 273653 — Cova da Piedade.

Soma, 42.346\$40.

VENDE-SE

Prédio com 6 divisões no 1.º andar e amplo armazém no rés-do-chão, na Avenida Marçal Pacheco, 92 - 92 A' e 92 B — Loulé.

Tratar no próprio local.

Propriedade

Vende-se uma propriedade no sítio da Cerqueira (Loulé).

Tratar com José Rodrigues Alho — Parragil — Loulé.

O Algarve e o Turismo Nacional

(Continuação da 1.ª página)

Evidentemente que ponderamos a hora difícil que passamos, de sacrifício e aberto, com problemas prioritários para o País, com o enquadramento nas políticas económicas europeias em crise perante os fantasmagóricos da inflação, com o desenvolvimento imprescindível do rendimento bruto nacional e com a crescente atrofia das classes de baixa renda a padrão do custo de vida e temos, portanto, que admitir restrições e inibições.

Mas, por outro lado, importa ter o maior cuidado, a maior atenção, a maior solicitude e o mais relevante carinho por tudo que represente produtividade, aumento de riqueza, elementos e factores que não podem ser diminuídos mas encarados com fone de contribuição para servirem de contra-partida áqueles objectivos contra os quais se debate a nossa situação económica.

E, neste capítulo, o turismo do Algarve é uma das mais aliciantes, sérias e válidas promessas.

Se, na realidade, quizermos ver o problema com o sentido de progresso nacional que advogamos, temos de encarar-se este factor de prosperidade, se o aumento de estrangeiros que nos visitam tem ou não tem preferências pelo Algarve, encontra ou não encontra nesta província do Sul maior expressão numérica, maior intensidade de atração.

Se o número sempre crescente de turistas que nos procura, no conjunto anual, se define em flagrante maioria pela nossa província, há que tirar de tal facto conclusões e proposições que assentam e estabelecem premissas, dados, e claros enunciados para a resolução de um problema que tão directamente interessa ao País como fonte perene e imanente das divisas que necessitamos.

E no estabelecimento dessas premissas, há que considerar o Algarve como zona prioritária do turismo nacional, dada a quem doer, prejuízo embora outros interesses porventura mais antigos e enraizados.

Pode haver um panorama que se julgue mais apreciado, pode haver uma riqueza histórica mais pujante, pode haver um património etnográfico e folclórico mais cultivado noutras regiões, pode existir uma mais definida e vívida e característica prevenção.

A VOZ DE LOULE

N.º 360 — 6-XII-1966

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

A NÚCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que por este juizo e 2.ª secção de processos, nos autos de acção de divisão de causa comum que os Autores — Carlos Manuel de Campos, pedreiro e marido Manuel Vieira Pescada, empregado da E. V. A., residentes em Ferreiras, Albufeira, e Maria Luisa da Silva, doméstica, e marido Floriano Correia Batista, 2.º cabo da Guarda Nacional Repubicana, residentes em Silves, correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos Autores e Reus a identificá-los, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, deduzirem os seus direitos, desde que gozem de garantia real sobre os prédios divididos.

Loulé, 23 de Novembro de 1966

O escrivão de direito

(a) Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º substituto

(a) Jacinto Duarte

BOLIQUEIME

A fim de evitar transtornos na respectiva contabilidade, a Direcção da Sociedade Recreativa Boliqueimense, pede a todos os credores desta Sociedade a fineza de apresentarem as suas contas até final do corrente ano, sob pena de não proceder à respectiva liquidação.

A actual Direcção cessa o seu mandato no dia 31 de Dezembro e garantirá à nova Direcção que todas as dívidas estão liquidadas.

KNITAX

Sinónimo de capacidade, eficiência e qualidade

KNITAX

Única premiada com Medalha de Ouro

A MÁQUINA DE TRICOTAR DE FAMA MUNDIAL

A mais eficiente, prática e rápida que existe no mundo. Trabalha sem pesos nem réguas ficando o trabalho sempre à vista.

Faz todos os pontos de fantasia automaticamente e trabalhos a cores sem lãs pelo avesso.

Ensino completo e gratuito sem limite de tempo.

Assistência técnica eficiente e garantida.

Concessionário para o Algarve:

JOSÉ COSTA MARIANO

Sede: Rua 5 de Outubro, 88 - 90 — Tel. 274 — LOULE

Filial — Rua Gil Eanes, 4 — Tel. 22554 — FARO

ACEITAM-SE AGENTES

RECORDANDO...

(Continuação da 1.ª página)

pírita. Mas não quis servir de desmancha-prazeres, tanto mais que na Vila nunca havia existido uma publicação periódica, dedicada aos interesses regionais, e assumi o compromisso de contribuir, semanalmente, com um artigo de minha autoria.

Isso, porém, não bastou, como mais tarde se fez mister. O jornal publicava-se ao domingo, e era impresso em Évora, cidade distante para mais de cem quilómetros. Acontecia, por vezes, que depois de enviado o original julgado necessário à publicação, esta encalhava porque a quantidade enviada não chegava para cobrir as quatro páginas do formato, aliás avançado, para uma publicação sem anúncios.

O prof. Cabrita dispunha sempre de largos recursos, pois bastava-lhe desviar dos «Ecos» uma ou duas páginas para cobrir outro tanto espaço do nosso próprio «Progresso». Mas isso não convinha, já porque o semanário se tornava monótono, já porque a nossa vila era outra. Nestes meios, acontecia que, numa ou noutra sexta-feira, à hora do jornal ser impresso, aparecer-nos telegrams nestes termos: «Mandem original para mais uma, mais duas colunas... sem o qual o espaço respectivo sairá em branco, a menos que se inventasse um anúncio forçado.

Por minha parte procurei estar precavido contra tais acidentes, preparando, nas horas vagas, aquilo a que se chama um «nariz de cera». Tinha sempre de prevenção dois ou três desses narizes. Um deles era a Estrada do Alto Algarve, obra que eu pintava como sendo a via Apia dos romanos, dum interesse incalculável no domínio da economia algarvia.

Entretanto o jornal continuava sem colaboração, à parte uns beneméritos que diziam coisas muito bonitas, mas que ninguém lia. Um dia apareceu um gracioso disposto a travar combate à arma branca, com um artigo que se intitulava de «Farpas».

«Farpas», em resumo, eram retratos psico-fisiológicos, alvejando e atingindo, pelo ridículo, certos Marialvas da Terra. Ainda perguntei ao engráido escrivo se ele estaria disposto a fazer cação de uma ou duas costelas, como desforra por pretensas ofensas. Disse logo que não, pois tinha em grande estima a integridade do corpinho, e então que lhe consentissem o páraro do anonimato. Como é óbvio, deu-se o que estava previsto: as «Farpas» foram retiradas da circulação, sob a ameaça dum bom saldo de injúrias e ameaças.

Doura vez recebemos convite duma pessoa recatada de Lagoa, aliás digna e respeitada, para uma troca de impressões. Designado que fui para o desempenho da missão, logo se me deparou um óbice de natureza religiosa; a pessoa em questão considerava heresia a farandagem dos espíritos, após a morte, posta pelo meu colega em artigo doutrinário, e queria vê-la banida da face da terra, porquanto, segundo essa pessoa, os espíritos têm alojamento assegurado, bem mais digno e decente, pelo Novo e pelo Velho Testamento. E pedia uma emenda. Perfeitamente — respondi. Terá a emenda, mas feita por V. Rev. (pois tratava-se dum sacerdote) até porque, sendo o jornal da Terra e para a Terra, aberto a todas as doutrinas razoáveis, mal ficaria qualquer recusa. Vai ser, portanto, nosso colaborador, com ampla liberdade de expor o que entender sobre a matéria, sujeitando-se, é claro, à controvérsia. E assim foi.

Qual não foi o meu espanto, e do próprio continuo, quando, acto imediato, o sr. General Trindade que, vindo ao meu encontro e a sorri, me diz: O que o traz por cá? — a Estrada do Alto Algarve, com certeza!... Fiquei desarmado e tive vontade de recuar e vir-me embora. Mas o acolhimento fora tão lindo e amistoso que me deu coragem para o resto. E ainda disse que a estrada do B. do Velho era a primeira em urgência e benefícios para o Algarve, adoptando, para o caso, um tom lúbrico.

Valha-o Deus — volveu o sr. General — pois a primeira,

quanto a mim, continua a ser a do nosso «Progresso Algarvio», que está lá dentro, no cofre (e apontou para o interior) e só no próximo ano, se Deus me der vida e saúde, terá entrada a sua afilhada da última hora — e essa é a Estrada do B. do Velho. E assim foi.

J. G. Pereira

Ajude o Artesanato! comprando «obra de palma» Algarvia

Panoramicas... de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

— O desvio do Caminho de Ferro entre Boliqueime e Almansil.

— A construção da Escola Técnica.

— A construção de um Palácio de Justiça.

— Instalação de uma estalagem no Miradouro da Picota.

— A rede de esgotos em Quarteira.

— A construção de uma Piscina Municipal.

— A supressão da passagem de nível de Loulé-Gare.

— A melhoria da instalação da rede de baixa tensão na Vila, com a comitante aquisição de transformadores precisos para suportar a carga dos novos núcleos previstos.

UMA DATA e um aniversário

(Continuação da 1.ª página)

na posse de bons títulos de nobreza.

O que é certo, porém, é que por morte de D. João III a nação caiu sob a regência duma sénhora espanhola, que era ao mesmo tempo avó do futuro rei D. Sebastião. Por esse facto os espanhóis, que sempre foram nossos amigos nas ocasiões críticas, aproveitaram-se do momento para exercerem forte influência nos costumes do País, adulterando e amolecendo o nosso espírito de independência. Não fizeram, contudo, de D. Sebastião um vassallo para destruir esse espírito, mas tornaram-no propenso à aceitação de empresas arriscadas, que mais tarde remataram no trágico desastre de Alcácer Quibir. A nossa independência, virtualmente, acabou aí.

Sem soldados nacionais, os que havia estavam no ultramar, recrutou pela Europa um exército de mercenários, tendo à frente o rei, e nos comandos uma pleia de fidalgos, muitos dos quais dos tais de atacar pela boca. O que é certo é que o desastre foi completo, e tão completo que para acudir à libertação da «fina flor», negociada à razão de vinte mil cruzados por pessoa, ainda foi preciso chamar o auxílio da Espanha e dos judeus do Norte de África, para servirem de medianeiros.

O reinado a seguir foi curto e por assim dizer serviu de prelúdio à Espanha para invadir Portugal com tropas. Já o havia feito por outros processos: pela propaganda, ou comprando vontades, opiniões e votos de toda a espécie e por qualquer preço, a pontos de Filipe II de Espanha, ao entrar em Portugal, dizer: «Portugal pertence-me por direito de herança, direito de conquista e direito de compra». Isto, afinal, confirmava a opinião do Cardeal-rei, quando Febo Moniz, nas cortes de Almeirim, se contrapôs à vontade do rei, e este lhe replicava: «Que força tens para resistir ao poderio de Espanha?». E a independência sumiu-se na batalha de Alcântara!

Os 60 anos a seguir não vale a pena referir, por quanto de humilhado e ofendido para baixo nada nos faltou. O único sopro de glória veio-nos com o 1.º de Dezembro de 1640, e com ele nos temos conservado para manter vertical o nosso padrão de independência.

Com a celebração do 1.º de Dezembro coincide um aniversário que alegra a nossa terra — o aparecimento de «A Voz de Loulé» — jornal de modesta aparência, mas que se conserva fiel ao aforismo: as pessoas não se medem aos palmos. Aliás, Loulé sempre tem sido terra de jornais Temos conhecido tantos!

«A Voz de Loulé» chegou precisamente no momento oportuno, isto é, quando o silêncio dos caracteres de imprensa vinha de longa data, com o desaparecimento do «Primeiro de Maio», de saudosa memória, e começo por soltar uns vagidos vacilantes, quase a medo. Depois cresceu em ânimo, criou pulmões e engrossou a voz. E hoje, que já transpôs a idade escolar, é o que todos vemos: um rebento de fundadas esperanças. Benza-o Deus...

Formulando os nossos votos de boa saúde pela «Voz de Loulé», dirigimos ao seu corpo directivo as nossas saudações, exprimindo, ao mesmo tempo, o desejo de que a voz da nossa terra seja o traço de união a ligar o meio ancestral aos muitos milhares de conterrâneos que trabalham lá fora, no desamparo da nossa língua e na ausência duma voz amiga que traduza o sentimento de cordialidade e de saudade que é o melhor metal da nossa gente.

J. G. Pereira

Estamos mesmo a ver o riso incrédulo de muitos dos pensadores louletanos ao lerem com o sarcástico comentário de que estamos a sonhar.

Mas para não ficar tudo no papel uma última afirmação e esta de carácter mais positivo:

— Dentro em breve começarão as obras de construção do novo e rico Santuário da Nossa Senhora da Piedade.

*

Começam a chegar os emigrantes que vêm passar o Natal com as suas mulheres e filhos

Todos trazem blusões de farto forro de lã, daqueles que tapam o frio em França, quanto mais entre nós.

As mulheres também ganham bons casacos de peluche, astrakan e até de peles. Outras compraram-nos lá porque, já são muitas as que vivem ali em comodato dos maridos.

E de luvas nem se fala...

Muitos vêm com elas calcadas e de dedos abertos para darem mais nas vistas.

Enfim, grande é a alegria por se encontrarem junto dos seus, a matarem saudades e a passarem a consoada em redor do mês de Natal.

R. P.

Futebol

(Continuação da 1.ª página)

vista de Portimão e o Fuseta. Contra esta última equipa o querer da equipa louletana foi admirável. Estando a perder por 3-0, não baixou a cabeça e estóicamente reduziu a diferença a 3-2. Depois surgiu o empate e por fim premiando a sua indômita vontade e o seu melhor futebol o golo da vitória ditou um vencedor justo. A prova prossegue e confiamos no brio dos nossos atletas, da dedicação dos dirigentes e no espírito bairrista da massa associativa e dos louletanos em geral, pois que o clube mais do que uma função local é bem o digno representante da Vila de Loulé!

DISTRITAL DA 1.ª DIVISÃO

Clubes	J.	V.	E.	D.	P.
Sambrasense	5	5	—	—	10
Farense	5	4	1	—	9
Lusitano	5	3	1	—	7
LOULETANO	5	2	2	1	6
Faro e Benf.	5	2	2	1	6
Silves	5	2	—	3	4
Moncarap.	5	1	—	3	4
Boavista	4	1	—	3	2
Fuseta	4	—	—	4	0
Lagos	5	—	—	5	9

Próximos encontros do Louletano:

6.ª Jornada — 4 de Dezembro

LOULETANO — Silves

7.ª Jornada — 11 de Dezembro

Farense — LOULETANO

8.ª Jornada — 18 de Dezembro

LOULETANO — Moncarapacho

9.ª Jornada (final da 1.ª volta)

1 de Janeiro

Lagos — LOULETANO

O Louletano presente no Distrital de Juniores

No prosseguimento da sua campanha de valorização desportiva, o Louletano Desportos Clube estará presente em mais uma importante prova promovida pela Associação de Futebol de Faro: o Campeonato Distrital de Juniores. Este torneio tem além do mérito de chamar à prática oficial do desporto - rei muitos jovens desta vila, a descoberta de novos valores com vista à sua integração no grupo principal. Ao Campeonato Distrital de Juniores concorrem oito equipas: Louletano, Lusitano, Olhanense, Farense, Faro e Benfica, Portimonense, Silves e Lagos, iniciando-se a prova no domingo, dia 4 de Dezembro. Os encontros são disputados às onze horas e o calendário do Louletano é o seguinte:

1.ª Jornada — 4 de Dezembro

Olhanense — LOULETANO

2.ª Jornada — 11 de Dezembro

LOULETANO — Lagos

3.ª Jornada — 18 de Dezembro

Faro e Benfica — LOULETANO

4.ª Jornada — 1 de Janeiro

LOULETANO — Silves

5.ª Jornada — 8 de Janeiro

Portimonense — LOULETANO

6.ª Jornada — 15 de Janeiro

Farense — LOULETANO

7.ª Jornada — 22 de Janeiro

LOULETANO — Lusitano

Os encontros da 2.ª volta efectuam-se nos campos dos visitantes. As três equipas que melhor se classificarem tomam parte na disputa do Campeonato Nacional de Juniores

Natal Feliz
com o presente
que fica para sempre

Gás Mobil
CLICK!

CAMPANHA DE 15 DE NOVEMBRO
A 15 DE JANEIRO.
FAÇA O SEU CONTRATO ONDE VIR
ESTE SINAL

Mobil Oil Portuguesa, S.A.R.L.
AGENTES E REVENDORES EM TODO O PAÍS

A VOZ DE LOULÉ
N.º 360 — 6-XII-1966

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo Juiz de Direito, desta comarca, na acção de venda de penhor n.º 72/66, pendente na 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, movida pelo autor Martin Nedejeau, casado, Gérante comercial, residente em Lisboa, na Rua 1.º de Dezembro, 45, 3.º esquerdo, contra o réu Daniel Palmeira Estevens, casado, comerciante, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte e com a última residência conhecida no País, no sítio do Porto Nobre, freguesia de Querença, desta comarca, é este réu citado para no prazo de Vinte DIAS, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, depois de finda a dilacão de 60 dias, pagar àquele autor a quantia de 27.000\$00, acrescido dos juros estipulados (5% ao ano, elevados a 8% a partir do não cumprimento do acordado) ou deduzir a oposição que tiver no processo acima referido, destinado à venda do penhor constituído como garantia do pagamento da mencionada importância, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial, o qual se encontra na secção à disposição do citando:

5.º — O capital social é de 5.000.000\$00, dividido em 5.000 ações de valor nominal de 1.000\$00, com reserva de preferência para os acionistas, que subscreveram totalmente, pelo que o citado art. 5.º deverá ser substituído por outro que fica com a redacção seguinte:

5.º — O capital social é de 5.000.000\$00, dividido em 5.000 ações de valor nominal de 1.000\$00 cada uma.

§ 1.º — Todo o capital está inteiramente subscrito, o que afirma sob sua responsabilidade, e encontra-se realizado em 1.050 contos, parte correspondente ao capital inicial, devendo o restante, ou seja, 3.950 contos, ser pagos logo que o Conselho de Administração proceda à respectiva chamada ou chamadas.

§ 2.º — Do capital social, 1.000 contos são exclusivamente destinados à lavra de minas».

Loulé, 10 de Novembro de 1966

O escrivão de direito

(a) João do Carmo Semedo

Verifique a exactidão:

O Juiz de Direito, 1.º substituto

(a) Jacinto Duarte

CLONA

-- Mineira de Sais
Alcalinos, S.A.R.L.

QUER ACOMPANHAR-ME?

(Continuação da 4.ª página)

que pertencia ao Convento de Santo António, e, sendo Superior desse convento Fr. Martinho de Beja, o Fr. Ivo da Vidigueira escreveu à mão esse canto-chão do ofício de Nossa Senhora.

Na altura da extinção dos conventos, o Governo mandou distribuir pelas outras igrejas as alfaiações que aqueles pertenciam. E assim veio parar à matriz este monumental volume.

É pertinente a sua pergunta, pois é! Para quê uns livros tão grandes? Evidentemente não se destinavam a ser levados nas procissões... Eram colocados numa estante grande, no meio do coro, e os frades, cónegos ou beneficiados juntavam-se à roda para cantar pelo mesmo livro.

Já vi um com as letras maiores ainda, para que os cónegos pudessem executar o canto sem se afastarem das suas cadeiras corais. Onde leva a santa comodidade duma santa comodidade.

Ora precisamente estes livros nos trouxeram docemente pela mão ao assunto que, a seguir, nos vai ocupar. E que, nesta igreja matriz de S. Clemente, existiu e funcionou uma das Colégias do Algarve e são muitos os elementos informativos que sobre ela existem e vão preencher as próximas vezes que ao meu leitor - companheiro apraza acompanhar-me... E, como, desde o V destes *rabiscos*, lhe devo uma resposta a respeito do termo — Colégia — será por ali que começaremos no próximo encontro, que podemos marcar ainda para a sacristia, onde podemos consultar as velhas e as novas *Visitais*, sob o olhar benévolo do digno Prior, que, sendo também *navegador destes mares*, até poderá entrar na conversa...

Dois prédios urbanos, optimamente localizados no centro da Vila.

— Uma quintinha com árvores de fruto e águas de nascente para consumo e rega.

— Prédio para demolir, de gaveto, com plano aprovado para 3 pisos. Preço muito acessível.

Nesta redacção se informa.

Luis Augusto da Silva e Sabbo

J. G. Pereira

Alvaro Pais

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Dezembro:

Em 2, a sr.ª D. Fernanda Fonseca Santana.

Em 3, as meninas Maria Rosa Pinto Correia, residente em Sarnadas (Alte) e Claudina Maria Pinto Rodrigues, residente na Venezuela.

Em 5, a sr.ª D. Isilda Maria Pinto Serra Guerreiro.

Em 6, a menina Maria José dos Santos Ferreira.

Em 7, o sr. Joaquim Guerreiro Laganha.

Em 8, as meninas Maria da Conceição Brito da Mana, Sôrange Farrajota Rocheta e Maria da Conceição Guerreiro dos Santos, residente em Sarnadas (Alte) e as sr.ªs D. Augusta Cavaco Martins Rodrigues, D. Ilda Pereira dos Santos, D. Maria da Conceição Líma Faisca, D. Maria da Conceição Sousa Gema e D. Maria da Conceição Nunes.

Em 9, a sr.ª D. Maria da Conceição Nunes.

Em 10, a sr.ª D. Filomena das Neves Rocheta e as meninas Elisabete dos Santos Vairinhos, Maria Raquel Leiria Mariano e os srs. José de Sousa Mendes, residente na Austrália e Dr. Orlando Pinheiro Rafael Pinto.

Em 11, o menino Luís Manuel Eusébio de Ascensão e as meninas Maria da Conceição da Ponte Barriga, residente em Faro e Maria Madalena dos Santos Farias, residente na Venezuela.

Em 12, o sr. José Manuel Coelho Luzia e o menino João Manuel Pires Cebola e a menina Ricardina Costa Guerreiro.

Em 13, a sr. D. Albertina Monteiro Sotto Mayor Pino, c.º sr. José da Luz Guerreiro e a menina Maria Gonçalves Grossi.

Em 14, as meninas Maria Inês Ramos Cecília, Flora Corpas Capapeto (residente na Austrália) e o sr. Manuel Guerreiro de Brito.

Em 17, a sr.ª D. Marieta Mendes Pinto Guerreiro e a menina Géni Maria Duarte Cavaco.

Em 18, a sr.ª D. Esperança da Silva Neves Coelho, residente em Lisboa e o menino Mário Manuel Guerreiro dos Santos.

Em 19, o sr. Manuel Nunes.

NASCIMENTOS

Numa clínica particular de Los Caminos (Caracas - Venezuela) teve o seu bom sucesso, no dia 15 de Novembro, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Mendes Grossi Correia Cavaco, esposa do nosso prezado conterrâneo e assimilante naquele país sr. Abilio Gonçalves Cavaco.

O recém nascido receberá na pia baptismal o nome de Antônio Manuel.

No passado dia 29 de Novembro, teve a sua «delivrança» no Hospital de Faro, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Ivone do Nascimento Rosa Pinheiro da Cruz, esposa do nosso prezado assimilante e dedicado Director da Escola Comercial e Industrial de Loulé sr. Dr. Fernando Pinheiro da Cruz.

Os nossos parabéns aos felizes pais e votos de longa vida para os seus descendentes.

FALECIMENTOS

Com a idade de 86 anos, faleceu em casa de sua residência em Salir no passado dia 1 de

Contribuições e Impostos

Durante todos os dias úteis do corrente mês de Dezembro, estão a pagamento os seguintes impostos referentes ao ano de 1965

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECÇÃO B

O imposto deverá ser pago por uma só vez, durante o mês de Dezembro do ano seguinte àquele a que respeita.

Não sendo pago o imposto no mês do vencimento, começará a correr imediatamente Juros de Mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento do imposto sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Importante: Pagamentos, por meio de vales do correio ou cheques:

1 — Os cheques destinados a pagamento de contribuições e impostos até ao relaxe, poderão ser emitidos ou visados por qualquer estabelecimento bancário, e deverão conter a sobreposição a vermelho «Pagamento de dívidas ao Estado».

2 — Deixa de ser cobrada a taxa de 1\$00 relativamente a cada conhecimento pago por meio de cheque ou vale do correio;

3 — Os respectivos recibos são devolvidos aos interessados com a correspondência oficial.

Outubro o sr. Manuel Gonçalves Pires, viuva da sr.ª D. Maria da Conceição Viegas, pai da sr.ª D. Maria Viegas Pires Leal e do sr. Manuel Viegas Pires, e avô das sr.ªs D. Maria Celina Viegas Pires, D. Maria da Conceição Viegas Pires Farrajota, e dos srs. Vitor Manuel Pires Leal e José Manuel Pires Leal.

— Com a idade de 66 anos, faleceu no Hospital de Loulé no passado dia 17 de Novembro, a sr.ª D. Maria da Piedade Murta Neto, que deixa viúvo o sr. Joaquim Neto e era mãe da sr.ª D. Beatriz Murta Neto e dos srs. José Maria Murta Neto, Artur Murta Neto e Diamantino Murta Neto e irmã da sr.ª D. Marquinhos Neto e D. Alice Neto.

— Faleceu há dias em Lisboa, onde há largos anos residia, o nosso conterrâneo, prezado amigo e assimilante sr. Francisco Martins Campina, antigo e conceituado industrial de carpintaria da nossa vila e 1º Presidente da Sociedade Recreativa Artística Louletana.

O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Vitória da Assunção Campina, D. Zulmira da Encarnação Campina Calheiro, casada com o sr. António Manuel Calheiro; D. Maria de Lourdes Campina de Azevedo Barros, casada com o sr. Fernando de Azevedo Barros, chefe de repartição da Companhia de Seguros Ultramarina e dos nossos prezados amigos e dedicados assimilantes srs. Francisco da Encarnação Martins Campina, comerciante em Faro, casado com a sr.ª D. Maria Carapeto da Luz Campina, chefe da Estação Telefónica de Faro; Mariano da Encarnação Campina, comerciante em Olhão, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Fonte Santa Campina e Manuel da Encarnação Campina, comerciante em S. Paulo (Brasil), casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Campina.

— Contando 82 anos de idade, faleceu há dias em casa de sua residência nesta vila o sr. Manuel da Conceição Pires, filho do sr. Manuel Pires e da sr.ª D. Maria da Conceição.

O saudoso extinto deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Pires e era pai da sr.ª D. Maria Pires Lhoyd, casada com o sr. Jorge Lhoyd e irmão das sr.ªs D. Maria da Conceição Pires e D. Antónia da Conceição Pires e tio da sr.ª D. Maria de Sousa Chuminho.

— Também com 82 anos, faleceu há dias na sua residência, o nosso conterrâneo o sr. José de Sousa Rosal, que deixou viúva a sr.ª D. Maria da Conceição e era pai do nosso prezado amigo e dedicado assimilante sr. José de Sousa Vitorino, conceituado comerciante da nossa praça, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Ramos Vitorino e dos srs. Joaquim de Sousa, casado com a sr.ª D. Maria Vitoria Matos Pereira e Manuel Vitorino de Sousa, considerado comerciante em Faro, casado com a sr.ª D. Maria das Dores Baguinho Vitorino e da sr.ª D. Maria Vitorino de Scusa Pintassilgo, casada com o nosso prezado amigo e dedicado assimilante sr. Joaquim Rodrigues Pintassilgo.

— Com a idade de 69 anos, faleceu recentemente no sítio das Fereiras de Quarteira, o sr. Manuel Guerreiro Virote Junior, proprietário, que deixou viúva a sr.ª D. Francisca Rosa Barreiros e era pai do sr. Manuel Barreiros Virote e da sr.ª D. Maria de Lourdes Barreiros Virote e irmão dos srs. Francisco Guerreiro Virote e Joaquim Guerreiro Virote e ainda do sr. José G. Virote e D. Maria Mendes Virote (ambos falecidos).

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pêsamos.

OLIVEIRAS

De sequeiro, de frutificação garantida, vende M. Brito da Mana — Telef. 18 — LOULÉ.

Um aniversário

Por falta de espaço, só no próximo número faremos referência às festividades comemorativas do 35º aniversário da Sociedade Recreativa Artística Louletana.

Dr. Júlio Cavaco Faisca

Na Escola Superior de Veterinária de Lisboa, concluiu há dias a sua formatura o nosso conterrâneo sr. Dr. Júlio Cavaco Faisca, filho do sr. Manuel Francisco Faisca (falecido) e da sr.ª D. Joaquina Mestre Cavaco.

Os nossos parabéns ao jovem licenciado e votos de brilhante carreira profissional.

PLANO DE ACTIVIDADES da Câmara Municipal - 1967

(CONCLUSÃO)

Estradas e Caminhos — É de todos nós conhecida a situação e se bem que muito se tenha avançado, sobretudo no traçado de novas vias e alicatamento das existentes o certo é que muito existe por fazer e se pensarmos no estado dos caminhos vicinais a que únicamente se tem acudido com remendos mais que precários, teremos uma noção imprecisa mas subjetiva do estado em que nos encontramos.

Dadas as características do nosso Concelho é este problema um sorvedouro dos dinheiros municipais, em que muito se gasta e pouco se vê, com a agravante de se contentarmos alguns desagrados a outros.

Assim sendo procuraremos dar continuidade e acabamento ao que se encontra em execução e planearemos o que julgamos ser de mais utilidade.

Nesta conformidade pessamos dar continuidade ao seguinte:

Reparação do C. M. 177, da E. N. 270 (Paderne) à E. N. 270, por Gilvazinho; Construção da E. M. 521-1, Ramal para a E. N. 396 (Franqueada) por Poço da Amoreira; Construção da E. M. 510 — Do Pombal (E. M. 524) a Cabeca da Vaca — lango entre Pombal e Cerro da Corte; Construção da E. M. 503, da E. N. 2 (Ameixial) à E. N. 124 (próximo do Porto das Covas) por Cortinholas; Reparação do C. M. de Alta e Esteval dos Mouros; Reparação do C. M. para Monte Brito — Do C. M. de Esteval dos Mouros a Monte Brito; Construção da E. M. 524, da E. N. 396 (próximo de Corte Garcia) à E.

APATIA?

(Continuação da 1.ª página)

a todos contagia com o seu dinamismo ou de uma outra cujo amolecimento de vontade a todos pode fazer desanimar, tirando-lhes a vontade de trabalharem pelo bem comum!

Temos fé em que este ano, tal como em quase todos os anteriores, há-de surgir um grupo de pessoas resolutamente dispostas a manter uma tradição que é a coroa de glória dos louletanos!

Se tanto for necessário, recorremos à preciosas colaboração da mocidade, daquela mocidade ainda disposta a sacrifícios por um ideal de beleza e perfeição capaz de transportar todos os obstáculos.

De resto, o Carnaval é essencialmente festa da mocidade. E a mocidade há-de ter sempre a presença de espírito, o dinamismo, a força de vontade indomável para organizar festas que não contribuir para aliviar a dor dos que sofrem. E é esse o principal mérito do Carnaval de Loulé, por muito que pese a quantos, vergados pelos anos e gastos por uma vida inteira de esforços e cansaças, já não podem embreiar com tarefas superiores à suas forças.

Mas a mocidade tem obrigação de dar exemplos de virilidade e apêgo a um ideal, quer lute em defesa da Pátria, quer procure divertir-se, pois dessa forma mostrará aos nossos inimigos que não nos quedamos em lâminas, nem nos deixamos vencer pelo desânimo.

E Luanda, essa bela capital da maritíma Angola, deu-nos uma exemplar lição de cívismo e galhardia, continuando a organizar o seu Carnaval logo que passaram os primeiros sustos da guerra que queria subvertê-la a uma escravatura oriental.

As duras realidades da vida serão mais fáceis de suportar se as soubermos enfrentar com sô optimismo e verdadeira alegria de viver. Não nos podemos deixar vencer pelo desânimo porque o inimigo está alerta e atento à passividade dos que se negam a lutar.

Quer na frente de batalha, quer na rectaguarda, temos que saber enfrentar as realidades e estar seguros da nossa força.

Vamos louletanos, vamos todos esforçar-nos entusiasticamente para que o Carnaval de 1967 ultrapasse o éxito dos anteriores. O Hospital de Loulé é uma porta aberta aos que sofrem e aos desamparados que dele precisem e só poderão bendizer as almas generosas que contribuirão para o aumento das suas receitas.

Gracas às substanciais receitas do seu Carnaval, Loulé já tem o melhor hospital do Algarve. Agora é preciso continuar a assegurar-lhe receitas que lhe permitem manter um nível assistencial à altura das suas instalações e do seu apetrechamento.

É necessário, portanto, assegurar a realização dos festegos do Carnaval de Loulé. E porque cabe à Mesa do Hospital zelar pelos interesses dumha instituição que lhe está confiada, é seu indeclinável dever procurar todos os meios que tornem possível a concretização das festas.

Ignotus

QUER ACOMPANHAR-ME?

XIII

Alto lá, senhoras gralhas! Estão a tornar-se intoleráveis. Que me forcem a dizer disparates ainda lhes perdoa. Agora que me atribuem más intenções não consinto. Com que então fámos «abrir os gavetões do arcaz para descaminharmos» alguns parafusos e alfaias com interesse?

Ora vão chamar «ladrões» ao bico com que me roubam as letras que eu escrevo! E que a «funda» da revisão acerte com alguns calhaus nos tais passarocas cada vez mais «descaminhados».

Eu escreveria «para examinarmos». Pois tão inocente palavra levou o «descaminho» que estão vendendo. Assim não vale!

A condescendência do estimado Pároco da Matriz, que a freguesia tão justamente homenageou há pouco e a quem cordialmente saúdo com um sincero «ad multos annos», vai permitir-nos continuar na sacristia do mesmo templo para examinar mais alguns objectos de culto, artistas ou pelo menos curiosos.

Comecemos por estes três túribulos com suas respectivas navetas. São de metal amarelo, já não correntes, mas repare que os padrões são curiosos. E observe que uma das navetas é ornada de flores de lis em relevo e uma Carranca, Obras do século XVIII.

Essa chave de sacrário, de prata dourada, liso e prata branca lavrada. Autêntico século XVI, encerra relíquias de vários santos.

Há um outro, de prata branca, também do século XVI, contendo um osso, talvez de S. Brás.

A grande coroa de prata branca

PRÉDIOS E ANDARES

Em Lisboa e arredores: Almada, Feijó, Laranjeiro, Corroios, Baixa da Banheira, Barreiro, etc.

Localidades de grande futuro.

Compra, venda, aluga e recebe rendas: José Carrusca Lampreia — Rua Actor Nascimento Fernandes, 4 em Faro e José de Sousa, Avenida D. João I, 3-r/c. Telefone 271292 em Almada.

Um Pinhal

Um pinhal! Ele convida-nos a descansar ou contemplá-lo, tendo uma evasão de espírito ao observar a imensidão que ante o nosso olhar se estende, se ondula e murmura com o vento. Os pinheiros constituem extensa mata onde os verdes se sucedem numa bem expressiva polícrómia, assim como se sucedem os vários tipos de pinheiros, uns tão altos que até parecem querer alcançar o céu num desejo de ascensão, alguns curvos, outros baixos e copados numa extensão enorme que prende o olhar e nos convoca o espírito a uma contemplação da Natureza ou melhor a uma comunhão íntima com a mesma. E a Natureza sempre sugestiva é fonte inesgotável de beleza, sim, ela oferece-nos sempre motivos diversos que nos extasiam perante o seu encanto. Nos pinhais há qualquer coisa de diferente: o cheiro a resina, o aroma dos pinheiros, os mesmos batidos pelo vento, fazendo um murmúrio que lembra essotudo do mar.

É realmente bela a paisagem dum pinhal, de tal modo que nos afasta do mundo, nos permite uma fuga de espírito e elevação do mesmo. Elevação até Deus, que rodeou o homem de tanta maravilha, de que ele apenas tira proveito e embeleza, valorizando-a com diversos motivos, mas tendo-a sempre a rodeá-lo como fonte inspiradora. Detenhamo-nos na contemplação da Natureza e vejamos quão linda ela é! Elevemo-nos tal como aquele pinheiro alto e esguio que parece erguer os braços ao céu numa prece de súplica e gratidão ao Criador.

E voltando ao pinhal propriamente dito, como fonte integrante de suavidade e expressão num recanto sugestivo e sempre belo onde apetece descansar, contemplar e meditar neste quadro sempre belo e esplendoroso que rivaliza ou supera o do mais célebre pintor, pois é a este e a outros da própria Natureza, que ele vai buscar inspiração e reproduzir nas suas telas que depois farão delícias de quem as contempla!

A Natureza na sua perenidade de suavidade e expressão num recanto sugestivo e sempre belo que é afinal, nada mais, nada menos, do que um pinhal.